Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise




# O TRÁGICO E O CÔMICO NA DIREÇÃO DA ANÁLISE

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

**Resumo:** A partir de um recorte clínico, propõe-se discutir o aspecto trágico e cômico no percurso de uma análise. Para nos transmitir a radicalidade do herói trágico Édipo em Colono, Lacan traz por oposição a figura do rei Lear, personagem de Shakespeare. No Seminário da Ética, Lacan aponta que há duas saídas para o paradoxo do desejo, a trágica do Édipo em Colono, de Antígona e a derrisória do rei Lear, que é ambíguo na sua renúncia ao serviço dos bens, quer abrir mão dos encargos do reino, mas quer manter o séquito, a glória, as honrarias. No percurso de uma análise, o traço cômico tem a função de estabelecer um intervalo na trajetória do sujeito em direção a verdade do seu desejo.

**Palavras-chave:** ética, desejo, tragédia, cômico

São Paulo
2022

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

# THE TRAGIC AND THE COMIC IN THE DIRECTION OF ANALYSIS

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

**Abstract:** From a clinical perspective, it is proposed to discuss the tragic and comical aspects during an analysis. To convey to us the radicality of the tragic hero Oedipus at Colonus, Lacan brings in opposition the figure of King Lear, a character from Shakespeare. In the Ethics Seminar, Lacan points out that there are two ways out of the paradox of desire, the tragic one of Oedipus at Colonus, of Antigone and the derision of King Lear, who is ambiguous in his renunciation of the service of goods, wanting to give up the burdens of kingdom, but wants to maintain the retinue, the glory, the honors. During an analysis, the comic feature has the function of establishing an interval in the subject's trajectory towards the truth of his desire.

**Keywords:** ethics, desire, tragedy, comic

São Paulo

2022

> Em toda a tragédia há o nó e o desenlace. O nó é constituído por todos os casos que estão fora da ação e muitas vezes por alguns que estão dentro da ação. O resto é o desenlace. Digo, pois, que o nó é toda parte da tragédia desde o princípio até aquele lugar onde se dá o passo para a boa ou má fortuna e o desenlace, a parte que vai do início da mudança até o fim. [1]

Essas são palavras de Aristóteles sobre a tragédia e eu tomo a liberdade de traçar um paralelo com o percurso de uma análise e incluo a comparação que Freud faz da análise com o jogo de xadrez, onde conhecemos o início e o fim da partida. Entre um ponto e outro, muitas jogadas possíveis.

Sabemos, no entanto, que os movimentos numa análise não são nem tão numerosos nem tão variados, que o analista é pouco livre na sua estratégia, no manejo da transferência, uma vez que quem busca alívio para o seu sofrimento, já chega marcado pela sua trama familiar, fazendo parte de um enredo que não foi escrito por ele, no qual ocupa um lugar fantasmático que lhe garante existência, consistência de si mesmo, amor, ainda que às custas do seu desejo.

O analista é convocado a ocupar um lugar na história do sujeito em análise e o faz pautado pela sua ética que não se confunde com a moral nem com normas de conduta, ética do desejo pela via do trágico que implica reconhecer que, ao desejar, o sujeito vive uma perda, perda de certeza, de gozo, de consistência de si mesmo.

Ao ocupar sua função na cena analítica, o analista paga um preço, paga com a sua palavra, com o seu ser, tal qual um ator numa peça de teatro, empresta seu corpo ao personagem, paga com a sua pessoa "pela transferência ele é literalmente despossuído dela".

A forma como vai se dar este pagamento nem sempre é possível prever.

Uma pequena passagem da minha clínica:

Recebo em meu consultório um casal acompanhado de seu filho, vou chamá-lo de João, 7 anos.

Os pais estão angustiados, preocupados com as sucessivas brigas em família, nas quais João está sempre presente, na verdade, na maior parte das vezes, ele é a origem. Preocupados e bravos. Muitas histórias.

João tenta apresentar a sua versão. Novas histórias. Tentando explicar o que acontece, faz referência a um pufe.

- Um pufe?

---

[1] ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: ARS Poética, 1993 – 2ª Edição.

- Sim, aqueles almofadões, sabe?

Volta a contar histórias e de novo lá está o pufe.

Sem que eu pensasse muito, por que, se pensasse, talvez não teria feito, eu falo:

- "olha, o problema todo é este pufe, é melhor mandá-lo embora".

Se foi uma tentativa de diminuir a tensão, não fui muito feliz, ao meu embaraço se juntou o sorriso amarelo dos pais. Mas, ouvi um suspiro de João e identifiquei ali um alívio.

João se engajou na sua análise, de forma decidida, e aos poucos vai revelando sua decepção e desalento com seus pais.

Compara-os com os pais dos amigos, alguns têm pais esportistas, outros levam os filhos em museus, alguns jogam até PlayStation.

"Meus pais são bons pais, fazem tudo certo, mas... são assim, funcionários" .

Interpretando a falta de amor e vitalidade dos pais, João assume uma posição. Quer animá-los, bancar o palhaço, faz graça, cada vez mais sem nenhuma graça. Ninguém ri e ele ainda leva bronca e tudo acaba em briga.

Foram muitas as voltas na sua análise até que João pudesse construir uma nova posição.

O pufe ficou como a marca de um momento atrapalhado da analista, que de vez em quando ele lembrava:

... "Que mico hein, Cristina?!"

Esta história estava esquecida e retornou quando escolhi comentar a passagem do *Seminário VII* onde Lacan, para destacar o destino trágico de Édipo em Colono, faz referência ao rei Lear, peça teatral de Shakespeare. Para entender melhor esta indicação de Lacan, reli a peça e revi o filme e fiquei capturada pelo bobo da corte que literalmente roubou a cena.

Para nos transmitir a radicalidade do desejo do herói trágico, Édipo em Colono, Lacan põe em cena a figura do rei Lear.

Neste momento do Seminário, ele coloca em discussão os paradoxos da ética e as metas morais da Psicanálise.

Ele pergunta "será sustentável reduzir o sucesso de uma análise a uma posição de conforto individual, vinculada, e esta função que podemos chamar de serviço dos bens, bens privados, bens da casa, bens de família e outros bens?"

Lacan dá sequência à discussão dos capítulos anteriores onde estabelece o bem como uma das barreiras ao desejo.

"é a muralha com a qual lidamos o tempo todo e sempre".

Se a relação do humano com os bens é determinada pela cadeia significante, pela sua relação com o Outro, precisamos considerar o próprio sujeito como bem, marca da sua constituição, onde ele tenta garantir sua ilusão de ser sem falta, obturando ilusoriamente a falta no Outro.

**Ilusão constitutiva do amor**

E é justamente em torno do amor insano, desmedido, que a tragédia do rei Lear acontece.

Há duas saídas para o paradoxo do desejo, a trágica do Édipo em Colono, de Antígona e a derrisória do rei Lear, que é ambíguo na sua renúncia ao serviço dos bens, quer abrir mão dos encargos do reino, já que se aproxima da morte, mas quer manter o séquito, a glória, as honrarias.

Harold Bloom, crítico teatral, estudioso de Shakespeare considera esta a mais trágica das tragédias, onde um primeiro passo, uma escolha equivocada leva a uma série de infortúnios.

Lear, rei da Bretanha, anuncia que vai se afastar do trono, dividindo o reino entre as suas três filhas, privilegiando a que lhe declarar mais amor.

As duas mais velhas declaram o seu amor de forma grandiosa, ficando evidente a bajulação e a falsidade que a vaidade do rei o impede de perceber.

Cordélia, a mais nova e mais amada, é sincera e frustra o rei com a sua declaração.

Freud, em "O tema da escolha do cofrinho" – um lindo texto, aliás – associa a morte ao silêncio de Cordélia.

É curioso porque, de fato, há a presença da morte não no silêncio e sim nas palavras que ela diz.

Primeiro, ela aponta para a própria divisão, dizendo que, entre o que sente e o que consegue dizer, há uma queda; em seguida, fala da parcialidade do seu amor pelo pai, ela o ama, sim, como filha, mas vai amar também o seu marido.

Diante disso, o que vemos é uma explosão de ódio de Lear, amaldiçoando a filha, expulsando-a do reino e dividindo a sua parte entre as duas filhas.

Esse é o seu gesto insano que põe em andamento todos os acontecimentos desastrosos determinando a vida e a morte dos personagens.

Tudo é excessivo - disputa pelo poder, traição, ingratidão e loucura.

A entrada do bobo em cena cumpre duas funções:

- fazer um contraponto à angústia do espectador, sendo que o elemento cômico na tragédia não dissolve o trágico, não dissipa o conflito, mas faz constar como a presença do absurdo, da falta de sentido, que possibilita o encontro com a verdade.

Um exemplo disso é a cena V do primeiro ato, onde o bobo, por meio de falas absurdas, charadas, vai preparando o terreno para poder dizer ao rei o que ele vem tentando evitar - que ele ficou velho antes de ficar sábio.

Outra função que o bobo cumpre é fazer constar a verdade, ele não distrai o rei para ocultar a verdade; ao contrário, ele distrai para poder dizer o que o rei não consegue ouvir:

- que o próprio rei é bobo, sem saber que é, o que o faz mais bobo ainda.
- que ele quer fazer da filha a sua mãe.

Para encerrar, quero incluir uma observação de Jan Kott, que é um estudioso de Shakespeare sobre o bobo e o rei Lear, que nos ajuda a pensar no enlaçamento do cômico e do trágico na direção da análise: "Nos dramas históricos, a dessacralização da majestade é obra de uma punhalada ou de um gesto que arranca brutalmente a coroa do soberano vivo. Em rei Lear a dessacralização é obra do bobo".

Acho que é possível pensar no traço cômico estabelecendo uma temporalidade na trajetória do sujeito em direção à verdade do seu desejo que é a dimensão trágica e também no esvaziamento dos ideais, dos mandatos superegóicos, do sentido único que habita o sujeito.

**Referências Bibliográficas**

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: ARS Poética, 1993 – 2ª Edição.

BLOOM, Harold. **A invenção do humano**. São Paulo: Objetiva, 2000.

FREUD, Sigmund. **O tema da escolha do cofrinho**. São Paulo: Companhia das Letras [1913], 2015.

FREUD, Sigmund. **O início do tratamento**. - Obras Completas**.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019, Volume 10.

KOTT, Jan. **Shakespeare nosso contemporâneo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 7**. A ética da psicanálise.

SHAKESPEARE. William. **Rei Lear**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.